

TRAJETÓRIAS DE PESSOAS E OBJETOS: O FOGÃO A LENHA E O ARADO NO COTIDIANO DE FAMÍLIAS ASSENTADAS

CARMEN JANAINA BATISTA MACHADO¹; RENATA MENASCHE²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e-mail: carmemachado3@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – e-mail: renata.menasche@pq.cnpq.br

1. INTRODUÇÃO

Eu vim equipadinho, só não trouxe boi mesmo, trouxe terneirão, muito longe pra trazer. E daí, como o arado não foi, daí comprei este virador (arado) de vocês aqui. (Seu Rosino, 2013)

O depoimento de Seu Rosino, sobre a trajetória de sua família, do município de Três Palmeiras para o assentamento, em Canguçu, também fala da trajetória dos objetos: do terneiro, do arado – que logo será substituído por outro modelo. Para pensar em objetos, falar de objetos, Arjun Appaduari (2008, p. 17) ensina que “temos que seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias, podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas”. Ainda de acordo com esse autor, é a partir das coisas em movimento que conseguimos visualizar seu contexto humano e social: a vida social das coisas. E como analisar, descrever, a vida social dos objetos? Para José Reginaldo Gonçalves (2007), devemos acompanhar os objetos em seus diversos contextos:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos (...). Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva. (GONÇALVES, 2007, p.15).

Tendo presente as mudanças por que passam os objetos em diferentes contextos, este trabalho propõe analisar as trajetórias de dois objetos emblemáticos no cotidiano de famílias rurais assentadas: o fogão a lenha, um objeto de dentro da casa; e o arado, um objeto de fora da casa. Essa escolha toma em conta que o arado está relacionado à produção do alimento, ao trabalho com a terra, ao espaço da lavoura, enquanto que o fogão pertence ao espaço da cozinha e está relacionado com a transformação do alimento em comida¹.

¹ Toma-se aqui como referência a discussão proposta por DaMatta (1987), ao refletir sobre o simbolismo da comida no Brasil: o alimento transforma-se em comida na medida em que passa pelo processo de transformação cultural, na cozinha.

A pesquisa, realizada em contexto de elaboração de dissertação de mestrado, foi realizada no assentamento União, situado na localidade Armada, 5º Distrito do município de Canguçu, Rio Grande do Sul. Esse assentamento foi implantado em 1999, mas a chegada das famílias teve início já em novembro de 1998. É formado por 64 famílias, originárias dos municípios de Alpestre, Augusto Pestana, Canguçu, Canoas, Chapecó (Santa Catarina), Constantina, Herval Seco, Iraí, Joia, Nonoai, Novo Hamburgo, Redentora, Ronda Alta, Rio dos Índios, Santo Ângelo, São Lourenço do Sul, São Pedro do Sul, Tenente Portela, Três Palmeiras e Trindade do Sul.

2. METODOLOGIA

As análises aqui desenvolvidas resultam da inserção a campo junto a cinco famílias assentadas. A pesquisa teve início no segundo semestre de 2012, por meio da participação em reuniões de grupo de mulheres, reuniões gerais no assentamento e, ainda, da atuação como voluntária em processo educativo realizado junto a uma escola rural, em que foram desenvolvidas atividades junto a crianças/alunos assentados. No primeiro semestre de 2013, ocorreu a inserção e permanência junto a algumas das famílias desses alunos, com o intuito de aproximar o olhar a seu cotidiano. A pesquisa a campo, de tipo etnográfico, foi realizada a partir de observação participante e entrevistas, com a utilização dos “objetos” diário de campo, gravador e câmera fotográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lucia van Velthem (2007), ao estudar os objetos da casa de farinha no estado do Acre, afirma que ao pensar os objetos como elementos que se organizam socialmente devemos considerar questões além da materialidade e da estética. Como indica a autora,

Um passo importante nesse sentido deriva da compreensão dos objetos como elementos capazes de se organizarem socialmente, de articularem e construir relações que são de diferentes ordens e são operadas pelas coisas, entre si e com as pessoas (VELTHEM, 2007, p. 606).

E é pensando os objetos operando entre si e com as pessoas que conduzimos o olhar para o arado e para o fogão a lenha, objetos que acompanham e contam a trajetória destas famílias.

Percebe-se que, ao descrever a funcionalidade de seu arado, o agricultor também está falando de um modo de fazer agricultura em que pessoa e objeto são constituintes de saberes e práticas.

Eva, ao lembrar a chegada da família no assentamento, relata que até o arado era diferente, pois o arado de lá (Três Palmeiras) fazia um camalhão para cada lado, enquanto que o daqui (Canguçu) faz o camalhão somente para um lado. Assim como a família de Eva, também outras famílias relataram o estranhamento decorrente da substituição do arado *pula toco* pelo arado *virador*. Raul conta que não teve dificuldades para lavrar com o arado *virador* e que seus filhos já aprenderam a lavrar com esse arado, nunca trabalharam com o *pula toco*. Mas Raul mantém o antigo arado *pula toco* guardado no galpão, pois de vez em quando o

utiliza para abrir um *valo*. Conta que mantém este objeto guardado por sua trajetória comum com a da família, que veio de Redentora. O arado *pula toco* conta sua própria história, mas também a da família.

Velthem (2007) destaca, no contexto da casa de farinha, que as interações operantes naquele espaço englobam as estabelecidas entre os objetos e as pessoas². Seu Rosino, ao falar da troca de um arado pelo outro, afirma: “agora, este outro (o viradouro) é um arado bom, né, mas arrebenta muito as costas da gente”. Assim, pode-se sugerir que o interlocutor age sobre o arado e os bois que puxam o arado. Simultaneamente, o arado age sobre a terra, virando-a para o plantio, e age sobre Seu Rosino, causando-lhe dores nas costas.

Já no contexto de dentro da casa, tem-se no fogão a lenha um objeto emblemático da cozinha. Esse também é um objeto que acompanha a trajetória destas famílias, pois se encontra entre os poucos que cada família trouxe de seu lugar de origem. Além da função do cozimento do alimento, o fogão a lenha reúne as pessoas, já que é em seu entorno que a família senta-se para conversar, tomar chimarrão e receber visitas. Em vários momentos, observei que, mesmo quando o fogo não estava aceso, era comum o convite para sentar próximo ao fogão, o que indica que seu entorno é o lugar de *prosear*. Aqui também me arrisco a discorrer sobre as relações entre pessoas e objeto, pois a pessoa age sobre o fogão ao acender o fogo e ao limpar sua chapa – o que, por sinal, geralmente é trabalho da mulher, que deve deixá-la sempre brilhando. Da mesma maneira, o fogão age sobre o alimento, uma vez que com o calor do fogo, ele cozinha os alimentos e é através dele que a família tem o alimento transformado em comida. Igualmente, é o fogão a lenha que transforma a cozinha em espaço de aconchego, que congrega família e amigos.

4. CONCLUSÕES

As reflexões aqui desenvolvidas trouxeram visibilidade a dimensões do cotidiano das famílias assentadas, tendo presente as trajetórias de pessoas e objetos. No qual os objetos, instrumentos de trabalho, além de suas funções técnicas possuem funções simbólicas e operam entre si e com as pessoas. E ao olhar para os objetos, presentes na cozinha e na lavoura, podemos compreender as transformações no modo de viver e fazer agricultura das famílias. Em que objetos são substituídos por outros, mas permanecem guardados nos galpões por contarem a sua história e da família no processo de deslocamento do lugar de origem para o assentamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008. p. 15-88.

² Cabe comentar que a abordagem da autora contempla a agência dos objetos, mas também dialoga com as noções de sistema e estrutura. Em sua análise, pode-se notar a dualidade entre natureza e cultura, de tal modo que o objeto age sobre a mandioca, mas não sobre as pessoas.

DAMATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias Antropológicas e objetos materiais. In: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 14-42.

VELTHEM, Lucia Hussak van. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 605-631, 2007.